

## **Aconselhamento Pastoral da Família — uma Proposta Sistêmica**

**Christoph Schneider-Harpprecht  
Valburga Schmiedt Streck**

### **A Situação de Famílias no Brasil**

As Nações Unidas (ONU) declararam 1994 o “Ano Internacional da Família”. Com este lema a ONU quer lembrar a situação cada vez mais difícil de milhares de famílias em diferentes países e culturas. Observa-se o quanto também no Brasil as famílias sofrem e se desestruturam devido ao empobrecimento. Realidade familiar para muitos significa: divórcio, abandono de crianças, violência, agressividade contra crianças dentro do lar, abuso sexual, diminuição da família tradicional constituída, pais afastados do lar, empobrecimento da mãe depois da separação e dificuldades econômicas da mesma. Em quase todos os níveis sociais constata-se uma mudança da ética matrimonial. Muitas pessoas estão negando o compromisso matrimonial para toda a vida. Os casamentos formalmente legalizados diminuem e parece se estabelecer um novo modelo de convivência entre homem e mulher em que há uma maior rotatividade de parceiros; com isso o compromisso mútuo se restringe apenas a alguns anos. Isto se reflete em estruturas familiares que tendem a ser complicadas, incluindo os filhos de casamentos anteriores e atuais, bem como os compromissos com os parceiros de casamentos anteriores.

Especialmente em famílias empobrecidas a figura paterna parece estar ausente. Muitos homens são alcoolistas ou dependentes de drogas e as mulheres trabalham fora de casa para garantir o sustento da família. Isso faz com que as crianças passem a maior parte do tempo em creches e escolas, longe do convívio com os pais. O tempo que pais e filhos passam juntos é cada vez menor. Muitas crianças começam a trabalhar precocemente para ajudar no sustento da família.

A situação habitacional de famílias pobres e de classe média baixa é precária. Em favelas e apartamentos populares falta espaço físico, o que causa uma convivência física muito intensa (crianças não têm uma cama própria, dormem no mesmo quarto ou na mesma cama com os pais, têm relações incestuosas com pais e irmãos, sofrem agressões físicas, não têm espaço para fazer as tarefas escolares, para brincar, não têm estímulo para o desenvolvimento intelectual). Em geral as famílias sofrem de problemas de saúde sem atendimento médico suficiente. A iniciação sexual acontece prematuramente antes do casamento, aumentando o

número de mães solteiras (os homens normalmente não assumem o compromisso). A promiscuidade sem preservação suficiente promove o aumento das doenças sexualmente transmissíveis (AIDS, etc.).

Esse quadro da realidade familiar, que se estende cada vez mais à área rural, é um grande desafio para uma nova pastoral de famílias que vai ao encontro também daquelas famílias que não correspondem mais aos padrões tradicionais da moral cristã, preocupando-se com famílias de casais “juntados”, não legalmente casados, com mães solteiras e seus filhos, etc. Tornar-se-á necessário que a comunidade cristã descubra a si mesma como uma rede social em que famílias de diferentes camadas da sociedade convivem em nome de Jesus Cristo, compartilhando a fé, descobrindo as próprias necessidades e aquelas dos outros, apoiando-se, buscando e organizando ajuda aos necessitados, acompanhando pessoas em processos de mudanças e crises, abrindo um espaço em que pessoas de diferentes gerações consigam achar a si mesmas como sujeitos que constroem a sua vida orientadas pela tradição e pelos valores cristãos.

Faz parte de tal proposta de pastoral de famílias, que aqui não pode ser aprofundada, o aconselhamento pastoral de famílias em crises de ordem psicológica e social. Trata-se de uma tarefa de profissionais de psicoterapia, assistência social e obreiros/as pastorais. Estes/as têm livre acesso a muitas famílias, ficam sabendo de conflitos ou são chamados/as para ajudar na solução de problemas. Na área rural os/as obreiros/as da pastoral não raras vezes são os únicos “terapeutas” acessíveis para o povo. Querendo ou não, deveriam adquirir mais conhecimentos teóricos e certa competência profissional para cumprir essas exigências. Não são terapeutas de família e nem pretendem ser, mas a Igreja e a sociedade os consideram aconselheiros habilitados para ajudar famílias em crises. Neste artigo pretendemos fornecer alguns subsídios da teoria da terapia familiar sistêmica, já bastante conhecida na psicologia brasileira, para um melhor entendimento da realidade familiar, e desenvolver uma proposta concreta de aconselhamento pastoral do sistema familiar.

## **Terapia Estrutural da Família**

### **a) Elementos Básicos**

A terapia estrutural foi desenvolvida por Salvador Minuchin, um psiquiatra argentino radicado nos Estados Unidos, e colaboradores. O marco inicial é considerado o estudo realizado em Wiltwyck, uma escola de periferia para adolescentes delinquentes, e descrito no livro *Families of the Slums* (“Famílias da Favela”). O modelo terapêutico é aprimorado mais tarde no Centro de Orientação Infantil da Filadélfia, com estudos sobre famílias psicossomáticas, no atendimento de milhares de famílias e no curso de treinamento intensivo de terapeutas.

Um dos principais fundamentos da Terapia Estrutural é que o ser humano não vive isolado, mas é um membro ativo e reativo no seu grupo social. O que ele experiencia como real vai depender tanto do seu mundo interno como do seu mundo externo. Por isso a experiência do ser humano é determinada pela sua interação com o mundo externo.

As técnicas da terapia tradicional normalmente enfocam o indivíduo e com isso a preocupação se volta para o intrapsíquico. Pouca atenção é dada ao indivíduo no seu contexto social. A pessoa é vista como a portadora de uma patologia sem estabelecer uma relação com o meio ambiente. O terapeuta de família tem um enfoque diferente. Ele vê a pessoa como parte de um sistema, visando a interação da família. Considera a pessoa dentro de diferentes aspectos sociais e sua reação a estes. Assim a patologia pode estar na pessoa, no seu contexto ou na forma de interação que existe entre eles.

A terapia estrutural tem três axiomas: primeiro, que a vida da pessoa não é só um processo interno — o ser humano vive no seu contexto, o qual ele influencia e é influenciado por ele; segundo, uma mudança no sistema provoca uma mudança em seus membros; e terceiro, o terapeuta, ao trabalhar com a família, se torna parte do contexto, formando um processo terapêutico.

Para o terapeuta estrutural, a família é uma unidade social que passa por distintas fases de desenvolvimento, durante as quais deve se ajustar a diferentes tarefas. Em cada cultura há características próprias, mas existem tarefas que são universais. Por exemplo: o casal deve aprender a conviver junto já no início do casamento, compartilhando as tarefas e se acomodando mutuamente ao trabalho, ao lazer, à sexualidade... Há diversas fases pelas quais a família passa, como o nascimento do primeiro filho, filhos em idade escolar, filhos adolescentes, aposentadoria, etc. Todas essas mudanças requerem adaptações, e os membros precisam se apoiar mutuamente.

Como a família é um sistema aberto em constante transformação, ela recebe e envia influências para o âmbito extrafamiliar e também se ajusta às exigências nas diferentes fases pelas quais passa. Por isso, muitas vezes é difícil distinguir uma família normal de uma família anormal pela ausência de problemas, pois todas passam por situações de estresse. Tendo isso em mente, o terapeuta pode compreender o sistema familiar operando pelo seguinte esquema: a) a estrutura familiar é um sistema sócio-cultural em transformação; b) a família passa por um desenvolvimento, atravessando certo número de estágios que requerem reestruturação; c) a família se adapta a circunstâncias modificadas de maneira a manter a continuidade e a intensificar o crescimento psicossocial de cada membro.

Conforme Minuchin, fronteiras são regras que definem quem participa e quando participa. Elas tem o objetivo de proteger a diferenciação do sistema. Há barreiras invisíveis que circundam os indivíduos e os subsistemas. Cada indivíduo participa de um subsistema diferente, como o subsistema de pais, de filhos, de adolescentes... e espera-se que o subsistema aja de acordo quando trata com

alguém de outro subsistema — por exemplo, no caso de pai e filho. Para o funcionamento adequado da família, as fronteiras devem ser nítidas. Há três tipos de fronteiras que se podem observar: fronteiras desligadas — em que os relacionamentos são rígidos e distantes. Numa família assim os pais não sabem onde está a filha à noite, ou os filhos não fazem idéia de onde está a mãe nem de quando ela volta. As famílias com fronteiras emaranhadas têm o relacionamento próximo e difuso. Estas podem tentar se prender mutuamente, às vezes até com doenças, para impedir que alguém saia de casa. Por último temos as fronteiras nítidas, em que o relacionamento é normal e todos têm seu espaço e liberdade de acordo com sua posição e idade.

Na terapia de família o terapeuta muitas vezes funciona como um criador de fronteiras, tornando nítidas as fronteiras emaranhadas e abrindo as inadequadamente rígidas. Para poder haver uma transformação nas estruturas, deve haver uma negociação de fronteiras.

## **b) Processo Terapêutico**

A família procura terapia por causa dos sintomas de um de seus membros. Este é chamado de “paciente identificado” e a família o classifica como tendo problemas. Os sintomas desta pessoa podem servir para manter o sistema ou o sistema pode estar reforçando o sintoma. A função do terapeuta é auxiliar o paciente e a família a mudar o sistema familiar. O terapeuta assume uma posição de liderança e se une à família, tentando ver o que está ocorrendo e procurando formas de intervir para que possam ocorrer mudanças.

Ao entrar em contato com a família, o terapeuta tenta obter um quadro do que está acontecendo e elabora um esquema sobre a organização da família que é denominado “mapa da família”. Isto lhe permite ter uma idéia do funcionamento da família. O mapeamento inicial ocorre durante a primeira sessão, e o terapeuta já pode dar algumas tarefas para a família atingir o objetivo a ser alcançado. Nas sessões seguintes o mapa é modificado devido a novas informações.

Juntando-se à família, o terapeuta faz “uso de si mesmo”, considerando-se como um membro — agente e reagente — no processo terapêutico. Ele pode usar aspectos de sua personalidade e experiência que são parecidos com os da família. Também tem a liberdade de fazer sondagens quando necessita.

Quando as famílias aceitam e respondem às investigações do terapeuta, elas podem: a) assimilar às suas interações o que ele quer dizer, mas sem ter crescimento; b) responder pela acomodação, isto é, tendo interações alternativas; c) responder como se fosse uma situação totalmente nova, o que seria uma intervenção reestruturadora onde a “homeostase” (a maneira como a família se acomodou frente às situações) é desequilibrada, permitindo uma mudança nas relações habituais.

Um diagnóstico (hipótese) é formulado para que se possa ter uma direção de

trabalho. Ao fazer o diagnóstico, o terapeuta se volta de eventos distintos do passado para as transações que estão ocorrendo agora, tentando beneficiar todos os membros da família. Também é feito um contrato terapêutico, para que a família e o terapeuta cheguem a um acordo sobre o que se quer mudar. Quando necessário, esse contrato deve ser revisto. Também precisa ser estabelecido quem participa das sessões e quando. Por exemplo, pode ocorrer que só o casal participa, outras vezes toda a família, inclusive os avós. Isso pode ser usado para construir fronteiras entre os subsistemas.

### **A Concepção de Dinâmica e Terapia de Família da Escola de Heidelberg (Helm Stierlin)**

Helm Stierlin (\* 1929) é um psicanalista, psiquiatra e filósofo que trabalhou muito tempo nos Estados Unidos. Lá teve contato com as novas linhas de um pensamento sistêmico da realidade do ser humano. Participou de pesquisas básicas de terapia de família no National Institute of Mental Health, e desde 1977 atua como diretor do departamento para pesquisa fundamental de psicanálise e terapia de família na Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Stierlin é um dos mais conhecidos pesquisadores na área de teoria da família. De fato pode-se observar no seu trabalho como ele passa mais e mais do paradigma da psicanálise individual para o paradigma sistêmico de tal maneira que certos conceitos psicanalíticos só servem ainda de pano de fundo para uma prática terapêutica bem diferente.

As raízes do modelo de Heidelberg são:

*A cibernética:* O filósofo Gregory Bateson e um grupo de pesquisadores na área de comunicação, o grupo de Palo Alto, descobriram nos anos cinquenta paralelos entre os processos circulares da comunicação na informática e processos de comunicação entre seres vivos. Surgiu a idéia de que também problemas psíquicos poderiam ser causados por perturbações e bloqueios nos processos comunicativos.

*A dialética e o status de mutualidade:* Na família existe uma profunda mutualidade entre as ações dos membros. "O agir de um é o agir do outro." Stierlin descreve essa mutualidade como dialética do relacionamento humano que está oscilando entre os extremos de conflito, delimitação e conciliação entre as pessoas. Referindo-se à descrição da dialética na relação entre senhor e escravo em Hegel, Stierlin diferencia em cada relação humana três dimensões: desejo e prazer, trabalho e medo da morte. Nessas três dimensões existem polaridades que caracterizam toda relação humana: é preciso estabelecer constantemente nas relações humanas um equilíbrio entre as polaridades de momento-continuidade, diversidade-igualdade, satisfação-frustração, proximidade e distância. Dois namorados podem vivenciar no seu namoro a felicidade do momento e perguntam depois pela

continuidade da relação. Eles se gostam porque têm muitas coisas em comum e estão satisfeitos, porém depois de alguns anos de casamento sofrem frustrações por causa das diferenças entre eles. Sentem distância e procuram a proximidade que sentiam antes. No namoro e no trabalho um precisa do outro, pois o perdendo deveria sentir a falta de relação. A falta de relação, em última instância, é a morte. A troca mútua das relações humanas preserva do medo da morte. Ela pode ter um caráter positivo ou negativo. Na troca positiva os parceiros aceitam-se mutuamente e descobrem juntos dimensões novas e existencialmente cada vez mais importantes. Na troca negativa as pessoas se desestabilizam.

*A teoria dos sistemas:* Sistemas como a família dividem-se em diferentes subsistemas e estabelecem uma hierarquia entre os seus elementos, que estão relacionados de modo recíproco. Isso significa que o indivíduo é considerado um elemento no sistema familiar e que devemos diferenciar subsistemas delimitados (os pais, os filhos, os parentes) dos quais cada indivíduo participa. O indivíduo é assumido pelo sistema, faz parte de uma corrente familiar que vem do passado e se estende até o futuro.

Existem no sistema familiar estruturas verticais, quer dizer: relacionamentos que incluem as diferentes gerações. Essa perspectiva intergeracional mostra como doenças, mas também valores, profissões, idéias sobre a missão de membros da família no mundo ou o estilo de comunicação se transmitem de uma geração para a outra, dos pais para os filhos. Não é por acaso que muitos filhos de pastor continuem sendo pastores ou que em certas famílias o problema do alcoolismo apareça em cada geração de novo.

Entre as gerações observam-se relações de herança e mérito. A contabilidade de méritos na família define que alguém pode sentir-se útil, importante e aceito na família na medida em que cumpre as exigências da mesma. Sempre existem também aqueles que fracassam e ficam em segundo plano. Essa perspectiva intergeracional abre para a terapia de família um espaço para mudanças através de pequenas intervenções que interrompam e transformem a dinâmica familiar.

Ela detecta segredos e mitos da família que exigem em cada geração sacrifícios e fazem pessoas de vítimas. Um mito familiar, p. ex., é a idéia de que “nós somos uma família que não briga e vive em plena harmonia”. Só que em cada geração uma pessoa se suicida. Em famílias brancas no Brasil encontra-se frequentemente o mito de que é impossível casar-se com uma pessoa morena. Os mitos são fórmulas e clichês explicativos que servem para esconder conflitos, problemas e tensões. Segredos da família são informações às quais alguns membros não têm acesso (o filho adotivo não pode saber do fato) ou que a família não comunica para fora (o pai já foi casado uma vez; ou: o filho tem uma doença mental.) Esses segredos são um peso muito grande, pois delimitam a troca nas relações e diminuem a confiança.

Com base nesses elementos básicos da teoria sobre o relacionamento huma-

no e da estrutura do sistema familiar desenvolve-se, segundo Stierlin, a dinâmica familiar. Ele a caracteriza pelos seguintes aspectos gerais:

*Individação relacionada:* O desenvolvimento do indivíduo em sistemas vivos acontece por delimitação (contra a fusão) e conciliação (contra o isolamento). O indivíduo precisa diferenciar-se dos outros na família e relacionar-se com eles para ser ele mesmo. A individação relacionada permite que o ser humano sinta-se em diferentes contextos sociais ao mesmo tempo relacionado e separado dos outros (ser filho leal dos meus pais não impede que eu seja marido, que deixa a casa dos pais para morar com a esposa). Este equilíbrio pode ser profundamente perturbado nas famílias e causar muito sofrimento (a lealdade para com os pais não permite que o filho saia de casa; ou: sendo esposa de um pastor de comunidade não é possível se divorciar, mesmo sofrendo a morte emocional de um casamento, porque isso iria prejudicar o marido).

*Os modos de interação (vinculação e exclusão):* Modos de interação são estruturas ou cenários de relações que têm um efeito a longo prazo. Vinculação e exclusão refletem a dominância centripetal e centrífuga nas relações. Se o modo de vinculação predomina na família, observa-se que os filhos têm dificuldades de sair do ninho. A família torna-se um gueto. A separação necessária entre pais e filhos acontece com atraso. Se o modo de exclusão predomina, os filhos saem muito cedo de casa, desligam-se emocionalmente da família e desenvolvem uma autonomia prematura. As pessoas podem ficar presas nestas estruturas de tal maneira que um representante de famílias de vinculação sempre tem dificuldades de “desligar-se” e “separar-se”, um representante de famílias de “exclusão” tem dificuldades de manter relações fixas mesmo que as deseje e procure.

O modo de exclusão mostra-se por uma falta de atendimento das crianças. Fica uma grande necessidade de calor humano que faz a pessoa apegar-se muito a outros ou compensá-la pela procura exagerada de aceitação. Muitas vezes esses filhos casam-se prematuramente por causa da necessidade de afeto.

*A perspectiva de delegação:* O termo latino *delegare* significa: mandar, dar uma missão, uma tarefa. O delegado é aliado por lealdade da pessoa que o delegou. A relação de lealdade liga os dois. Desde a primeira infância existem laços de delegação entre pais e filhos. A delegação é um processo normal de relacionamento intergeracional. Por ela transmitem-se idéias, autoconcepções, valores e tarefas entre as gerações. O problema são processos desviados de delegação:

- uma criança com talento regular deve tornar-se uma superestrela para satisfazer as ambições da mãe e sofre um colapso;
- conflitos entre diferentes tarefas de delegação: a mãe exige que a filha fique em casa e cuide dela; por outro lado, gosta quando a mesma filha envolve-se em aventuras amorosas e chega em casa para contá-las. Realizando a missão de satisfazer um desejo inconsciente da mãe, a filha terá muitos problemas;
- conflitos de lealdade: o delegado tem sentimentos de culpa quando precisa

abandonar a missão de um parente autor de uma delegação por causa do outro. Se a missão do pai para a filha é: “Case e me dê muitos netos e cuide de nós”, mas a missão da mãe é: “Seja independente e estude bastante porque eu não tive possibilidade de fazer isso”, a filha tem que frustrar um dos dois ou vai se atrapalhar.

*Terapia de família:* O objetivo principal da terapia de família é curar o sistema pelo encontro dos seus membros, pela modificação ativa da estrutura da família. Os métodos da terapia de família são em parte parecidos com os da terapia estrutural. Stierlin exige que o terapeuta tenha empatia e reconheça as forças estruturais do sistema, as regras da família (missões, papéis, heranças, mitos, segredos). Ele dirige as conversas, participa ativamente da dinâmica familiar, observando o que ela faz com ele próprio e com os membros da família. No processo da terapia ele deveria manter uma boa relação com todas as partes do sistema familiar e trabalhar para conseguir delimitações e conciliações entre os subsistemas que possibilitem a individuação de cada membro da família.

A maior diferença entre a terapia estrutural de família (Minuchin) e o modelo de Heidelberg encontra-se na visão histórica de conflitos familiares e na hipótese de que eles são determinados pelo inconsciente. Os motivos da dinâmica familiar, segundo Stierlin, são de caráter inconsciente e não a disposição dos membros da família. O processo da terapia de família, mesmo usando intervenções estratégicas, enfoca muito mais o trabalho de conscientização e de entendimento daquilo que dirige os processos de relacionamento. Por outro lado, constata-se uma grande proximidade na prática dos modelos. Ambos estão interessados em mudar regras de interação na família, em delimitar e conciliar. No momento atual o movimento de terapia de família sistêmica passa por uma fase criativa de muitas descobertas e pesquisas. Os conceitos estão em fluxo, as diferentes linhas ainda não estão bem diferenciadas. Eles fornecem diferentes perspectivas que podem aprofundar a compreensão de processos familiares. Isso significa que na prática do aconselhamento de família é necessário ser criativo e usar todos os recursos teóricos disponíveis.

### **Exemplo de Acompanhamento de uma Família em Crise**

Numa visita ao hospital a pastora conhece Anita, que foi internada por causa de uma grave doença reumática que a fizera parar de trabalhar. No decorrer da conversa a pastora fica sabendo de graves problemas familiares, especialmente do comportamento agressivo de Felipe, um menino de 7 anos. Anita pergunta se a pastora não poderia ter contato com eles após sua saída do hospital para aconselhá-los. Depois de Anita ter alta do hospital, a pastora faz uma visita na casa dela e conhece os outros familiares. Eles combinam um primeiro encontro no escritório da pastora na semana seguinte.

Anita tem 33 anos e trabalhou até recentemente numa grande empresa no



setor de informática. Ela tem a aparência envelhecida e se senta de forma contorcida na cadeira. Ao falar mostra poucas emoções. É casada com Pedro há dois anos. Casou-se aos 22 anos com João, o pai dos meninos: Eduardo, de 9 anos, e Felipe, de 7 anos. Este casamento se dissolveu há seis anos. O motivo da separação, conforme Anita, foi a agressividade de João. Ele batia nela e em Eduardo. As brigas eram constantes, culminando com uma agressão tão violenta que ela acabou na delegacia por maus tratos. Não podendo alimentar os dois filhos, João pediu que Eduardo fosse morar com ele e sua mãe. Isso faz cinco anos, e Eduardo passa os fins de semana com sua mãe. O pai agora também tem uma companheira, da qual os meninos não gostam.

Anita também relata que sua mãe é inválida devido a um acidente de ônibus. Assim mesmo, teve mais cinco filhos, entre os quais Anita. Quando esta tinha 2 meses de idade, foi encontrada pela avó e por uma tia em grave estado nutricional.

Pedro também vem de dois relacionamentos desfeitos. Com a primeira esposa esteve casado 22 anos e tem uma filha de 29 anos, que já constituiu família. A segunda relação durou pouco, pois a esposa o traiu. Desse matrimônio tem uma filha de 5 anos. Pedro tem uma aparência calma e diz que gosta de estar em casa cuidando dos afazeres domésticos. Diz que não consegue ficar brabo e que não sabe disciplinar. Observa-se que ele não reage à indisciplina dos meninos na sala da pastora. Estes o chutam e dizem nomes para ele. Indagado sobre a sua família, ele conta que foi filho único e que a sua mãe era muito doente, sendo que ele cuidava dela. Quando tinha 10 anos ela morreu. O pai morreu quando ele tinha 16 anos. Começou a trabalhar cedo e a se sustentar sozinho. Revela que sempre gostou de cuidar de pessoas doentes e que quer cuidar de Anita e ajudá-la a criar Felipe.

Eduardo apresenta um quadro de bulimia, e sua obesidade é acentuada na sua idade. O menino comenta várias vezes que o seu desejo é ir morar com a mãe e que não gosta de ficar com o pai. Em contato com o irmão, brinca e briga. Percebe-se que ele sente ciúmes do irmão. As brigas se tornam mais acentuadas na hora da ida para a casa da avó. Na sala da pastora os dois entram em conflitos. Mãe e padrasto não reagem a essa atitude. Ao ser questionada, a mãe diz que ela não agüenta mais os dois e que há alguns dias, numa briga violenta entre eles, deu uma faca de peixe a cada um e pediu que a matassem. Quando se irrita muito com os dois, bate neles. Anita comenta que não sabe ser mãe para eles e que Pedro não consegue ser homem para ajudá-la a criar os meninos. Pedro diz que gosta de estar com Felipe, mas não quer Eduardo em casa, pois ele come tudo o que há na geladeira e isso aumenta os gastos da casa. A tristeza de Eduardo é visível, e Felipe se torna agressivo a ponto de dar um coice na mãe. Percebe-se que não é só Felipe que tem problemas, mas é o sistema familiar que está precisando de ajuda.

Vejam os conhecimentos dos dois modelos terapêuticos acima descritos podem ajudar a pastora no processo de aconselhamento pastoral.

Esta família passou por várias crises no seu desenvolvimento e está diante

de mais uma crise. Houve a separação dos pais, a separação de um dos filhos, a saída da tia avó e o novo casamento da mãe, a entrada para a escola de Felipe e a solicitação de Eduardo de voltar para casa, bem como a doença da mãe, incapacitando-a de trabalhar. Para todas essas mudanças a família deve se adaptar e formar nova homeostase. Muitas vezes ela não consegue fazer isso e um ou mais membros começam a mostrar sintomas. Nesta família Felipe assume esse papel, tornando-se agressivo na escola e em casa.

Uma das primeiras atitudes da pastora será tentar obter informações sobre o que está ocorrendo, quando ocorre, quem se preocupa com a situação. Ela também usará de muita empatia com a família para poder compreender o que eles querem dizer e será muito ativa, não só escutando pacificamente. Se a família é alegre, ela será alegre, se é mais formal, ela será mais formal. Enfim, ela os aceita como são. Uma ou mais hipóteses serão formuladas, de modo que ela possa ter uma orientação para trabalhar. Nas sessões testará as hipóteses, formulando novas se aquelas não estiverem corretas. A pastora também tentará mostrar aos membros da família que o problema não está numa pessoa só, mas distribuído entre todos. A ação de um ativa a reação do outro e assim por diante. A pastora se pergunta: “Quem tem uma aliança com quem?”; “Quem é excluído?”; “Onde e como estão os limites entre os subsistemas?”; etc.

A pastora tem a impressão de que o descuido materno é um problema crônico na família de Anita. Não tendo recebido suficiente cuidado materno, Anita não é capaz de cuidar dos próprios filhos, pois ela mesma permanece na posição de criança doente que quer ser cuidada por Pedro ou, anteriormente, pela tia. Isso sobrecarrega Pedro. A pastora suspeita que o apetite incontrolável de Eduardo possa significar uma falta que ele sente da presença da mãe. Pois quem normalmente dá a comida para as crianças é a mãe, e é um segredo aberto que a bulimia serve para preencher a falta da mãe. Morando durante a semana com a avó paterna, Eduardo se abastece com comida para agüentar durante a semana a falta da mãe. Vendo o pai diariamente, ele mantém o contato entre Anita e o seu primeiro marido, João. Eduardo é o aliado expulso da família cujo missão é manter o contato e trazer informações. Parece que Felipe fica tão agressivo porque cada semana precisa se separar de novo do seu irmão. Assim a família sofre sempre uma nova separação.

Para um próximo encontro a pastora pode pensar numa intervenção no sentido de corrigir um pouco as disfunções na estrutura do sistema familiar. Ela percebe que Anita não consegue desempenhar sua função de disciplinadora, que faz parte de ser mãe, esperando que Pedro o faça por ela. A pastora pode pedir que Pedro não a ajude para que ela sozinha discipline os meninos e os faça brincar sem interromper os adultos. Quando ela conseguir, verá que é capaz, e os familiares descobrirão uma nova maneira de interagir. Para trabalhar a separação que atrapalha Eduardo e Felipe, a pastora, numa das conversas, pode sugerir que a mãe fale com Eduardo sobre a sua volta para casa e mostre o afeto que sente por ele.

Desta forma a pastora os ajuda a chegarem mais perto um do outro. O seu objetivo no aconselhamento é superar as dificuldades que surgiram com a separação decorrente do término do primeiro casamento. Ela quer ajudar na reconstituição do segundo matrimônio, de modo que Pedro, Anita, Eduardo e Felipe possam finalmente viver juntos como uma família. Numa das conversas todos exprimem a sua vontade de ficar juntos, e Anita menciona que não está oficialmente casada com Pedro e gostaria de receber a bênção matrimonial. É sugerido que todos pensem sobre isso e até o próximo encontro façam uma proposta. Combina-se que não haverá mais de cinco, no máximo sete encontros.

No aconselhamento pastoral sempre existe um lado espiritual. Como pastores/as podemos apoiar as famílias nas situações de passagens críticas da vida. Não apenas as grandes cerimônias no ciclo da vida (culto, Batismo, casamento...) servem para renovar a vida familiar e a relação dos membros da família com Deus. Também pequenos atos simbólicos e religiosos têm um grande valor. Dependendo do contexto, ele/ela pode contar uma estória bíblica que exprima algo do conflito atual da família, pode trabalhar com símbolos e metáforas bíblicas. Pode encaminhar pequenos rituais familiares (p. ex., finalmente o pai abençoa a filha que é mãe solteira e pega o neto no colo; toda a família vai junto com o/a pastor/a para o cemitério e visita os túmulos dos ancestrais para conversar sobre aquilo que não ficou resolvido quando eles ainda viviam). Há a possibilidade de fazer cultos de comunidade na casa de membros e reunir a família com os vizinhos. No culto o membro doente da família pode falar sobre a sua doença e sentir o apoio da família e vizinhança. Culto e oração dão uma voz ao sofrimento e à gratidão. Para fazê-los precisa-se da aceitação dos membros da família.

### **Proposta para o Aconselhamento com Famílias em Crises**

O objetivo do aconselhamento com famílias em crises é ajudar a família a melhorar a comunicação entre os membros e superar bloqueios, conscientizar-se da situação geral da família (as relações) e do problema atual que a levou à crise e procurar a mudança nas relações atuais com a perspectiva de uma convivência mais sadia.

O aconselhamento de famílias em crises é uma intervenção de curto prazo cujo enfoque é o conflito atual. Ela pode ser acompanhada por um trabalho de “enriquecimento matrimonial” ou de “vida familiar” na comunidade e motivar as famílias para a participação em tal programa. Pode motivar para um processo de terapia familiar (ou de casal, ou individual). Como intervenção em crise, entretanto, diferencia-se destas atividades.

O aconselhamento com famílias em crises acontece em cinco passos:

a) *Estabelecer uma relação positiva:* As circunstâncias sob as quais o aconselhador encontra a família influenciam o processo de aconselhamento.

Devemos ter clareza sobre as seguintes questões:

— Sou visitador da família e por acaso fico sabendo da crise?

— Se alguém procura a minha ajuda, quem é e qual é a tarefa que ele projeta sobre o aconselhador (aliado, resolver o problema, culpar uma pessoa, ajudar a acalmar o paciente, levá-lo ao hospital, asilo, desintoxicação...)?

— O que significa a minha intervenção para os outros membros da família?

— Como eles se relacionam comigo?

— O que a presença ou ausência deles tem a ver com o aconselhador e com o próprio conflito?

O aconselhador precisa esclarecer expressamente por que está lidando com o conflito da família, qual é o seu papel e o que ele quer. Ele deveria mostrar de uma maneira cortês e educada que respeita a postura de todos os membros da família, mesmo que eles não gostem da sua intervenção. Oferece a sua cooperação no conflito atual já antes de estabelecer um contrato.

b) *Perceber a situação de conflito e a comunicação no sistema e nos subsistemas:* Para perceber e entender a situação o aconselhador pode usar a técnica da “entrevista circular” (ele pergunta uma pessoa a respeito de opiniões, posturas, idéias de outras pessoas na família). Assim possibilita que cada um possa colocar a sua versão das coisas. Isso é extremamente importante quando se trata de segredos na família sobre os quais ninguém quer falar (violência, abuso sexual...).

A entrevista com a família serve para aprofundar a compreensão do conflito atual e da estrutura da família. Faça cada pessoa falar sobre como ela está se sentindo na situação do aconselhamento agora, o que ela deseja, teme, espera, como está vendo o conflito e as possibilidades de mudança. Descubra há quanto tempo a crise começou e se é um acontecimento único ou se esses tipos de crise são comuns na família.

A observação dos seguintes aspectos pode facilitar a percepção do conflito e da estrutura da família:

— Quem é o paciente identificado (quem tem o problema)?

— De que tipo de problema se trata (alcoolismo, abuso de drogas, violência, brigas)?

— Quem é o chefe da família (quem manda)?

— O que os outros membros da família pensam sobre o paciente?

— Quais são as principais alianças?

— Onde existem limites entre os subsistemas (pai-mãe/ pais-avós/ pais-filhos) e onde faltam limites (p. ex.: pai no papel da criança)?

— Como é a comunicação nos subsistemas (p. ex.: pai e mãe estão afastados; a mãe vive em fusão com o filho mais velho; briga entre os irmãos).

— Que modo de interação prevalece: aliar ou excluir?

— Quais são as normas básicas de ética que dirigem a vida das pessoas? Sempre existe uma diferença entre norma e realidade, mas deveríamos saber quais os principais ideais de conduta (p. ex.: quero prazer; ou: cumprir os deveres na família tem prioridade; viver a sexualidade é permitido para os jovens; nós somos membros ativos da Igreja, ela vem em primeiro lugar...).

c) *Fechar um contrato com a família*: No final do primeiro encontro deve-se fechar um contrato em que se negocia com os membros da família:

— Quantas vezes vocês vão reunir-se (uma, duas...) para resolver a questão?

— Qual é o objetivo dos encontros (p. ex.: ver se ainda existem recursos no casal para conviver ou se eles vão optar por uma separação; ver que solução a família pode achar para resolver a questão do avô doente...)?

— Onde e quando vocês vão encontrar-se?

d) *Formar uma hipótese sobre a situação*: Durante a reunião ou no final, em casa, você formula para si mesmo uma hipótese sobre a situação que responde às seguintes perguntas:

— Qual é o conflito?

— Quem está envolvido?

— Como a família mantém o conflito?

— Quais são os recursos para mudar?

Respostas para estas perguntas pode procurar em cooperação com a família.

e) *Planejar e realizar uma intervenção*: A partir de sua hipótese você pode planejar uma intervenção. O perigo maior das suas intervenções vai ser que você “pega o pacote”, oferece soluções que ninguém quer. A intervenção deve sempre motivar a família a procurar soluções e descobrir de maneira criativa novos recursos.

*Intervenções possíveis:*

— facilitar a comunicação e fazer a família explorar a si mesma;

— abrir a comunicação entre membros que se bloqueiam;

— mostrar “o outro lado da moeda” (o que a família ganha mantendo tal comportamento; que sentimento não deve surgir [luto, p. ex.] );

— abrir espaço para a expressão de emoções e para um esclarecimento sincero das relações entre os membros da família;

— introduzir um questionamento ético na família;

— descobrir o “contrato clandestino” (sobre papéis e tarefas) na família e ajudar a renegociar o contrato;

— usar as possibilidades que a comunidade oferece: convidar a mulher que vive deprimida e dependente de outros em casa a participar da OASE ou de um grupo de mulheres para valorizá-la e colocar limites entre ela e os outros. Pedir ao homem para ajudar na preparação de uma festa....

— encaminhar as pessoas para outros serviços ou planejar com elas como seria possível no momento superar as dificuldades financeiras.

— ajudar os membros da família a decidir e comprometer-se com certas tarefas com as quais eles introduzem mudanças na família (p. ex.: no sábado as crianças preparam o almoço; os pais não cumprem mais qualquer desejo das crianças e combinam que elas têm que trabalhar em casa para ganhar “extras”; num final de semana o marido pode decidir o que o casal faz no tempo destinado ao lazer, no outro final de semana a esposa...).

*Cuidado: você nunca está nas famílias em crise para “vender o seu peixe”. Pessoas em crise são limitadas na sua capacidade de assumir responsabilidade na comunidade. Você, p. ex., nunca deveria admitir que um alcoolista que continua bebendo faça visitas!*

f) *Avaliar o processo:* Após cada encontro você deve avaliar a situação e refletir como se sentiu, o que aconteceu na família, onde surgiram novos problemas. Anote num caderno ou numa ficha as observações principais e os planos de mudança (de você mesmo e de membros da família).

### **Aconselhamento de Famílias no Contexto do Ministério de Reconciliação da Comunidade**

Confrontando-se com a proposta acima descrita, uma estudante de Teologia disse: “Acho que a nossa tarefa pastoral não é fazer aconselhamento de famílias, pois isso é muito complicado e se deveriam ter muitos conhecimentos.” Imaginamos que ela não seja a única com essa opinião. Outros podem dizer que, seguindo este modelo, o/a obreiro/a pastoral torna-se um especialista que continua dominando a comunidade, desta vez não através da sua posição espiritual, mas pela competência poimênica. Além disso, ele defende um modelo burguês de família que está longe de ser realizado na população mais pobre. Em vez de deixá-los organizarem a sua vida conforme as próprias necessidades, ele quer adaptá-las às regras das classes dominantes na sociedade.

Surge assim de novo a antiga pergunta pelo perfil do trabalho pastoral na comunidade. Tendo em vista que esse trabalho é uma tarefa de todos os membros, de que maneira o/a obreiro/a pastoral pode ajudá-los a alcançar esse objetivo, sendo um especialista com competências específicas que coloca à disposição da comunidade ou sendo um generalista que faz contatos, cria comunicação, serve

como catalisador entre as pessoas? O perigo para o especialista é que ele facilmente perde a consciência do todo. O generalista pode tornar-se rapidamente um diletante que sabe de tudo um pouco e não se aprofunda em nada. Quem vai levá-lo a sério? Ambos podem ser dominadores da comunidade!

Segundo Paulo, o ministério da comunidade é “o ministério que prega a reconciliação” (2 Co 5.18)<sup>1</sup>. Esse objetivo deve também orientar o perfil do trabalho de obreiros/as pastorais. Como generalistas especializados em comunicação, eles ajudam a comunidade a realizar o seu ministério em diferentes subsistemas (presbitério, OASE, grupo de idosos, grupo de jovens). Até agora a maioria das pessoas vive em grupos familiares que são subsistemas dentro da comunidade. Visando a reconciliação da família, o aconselhamento sistêmico vai ao encontro do ministério da reconciliação. Ao lado de outras atividades, a pastoral de famílias ajuda a realizá-lo no âmbito mais íntimo e mais conflituoso das pessoas. As comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) são muitas vezes constituídas apenas por algumas grandes famílias, de modo que conflitos familiares resultam em conflitos da comunidade e vice-versa. Considerando isto, vê-se a importância de uma perspectiva sistêmica para aqueles que lidam com esses conflitos.

## Bibliografia

- COLAPINTO, Jorge. *Structural Family Therapy*. In: GURMAN, Alan & KNISKERN, David. *Handbook of Family Therapy*. New York, Brunner/Mazel, 1991.
- FOLEY, Vincent. *Introdução à Terapia Familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- HOFFMAN, Lynn. *Foundations of Family Therapy*. New York, Basic Books, 1981.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- MINUCHIN, Salvador & FISHMAN, H. Charles. *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- MINUCHIN, Salvador et al. *Families of the Slums*. New York, Basic Books, 1967.
- STIERLIN, Helm. *Delegation und Familie*. 2. ed. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1982.
- STIERLIN, Helm et al. *Das erste Familiengespräch*. 4. ed. Stuttgart, Klett, 1987.
- STIERLIN, Helm. *Individuation und Familie*. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1989.

## Nota

1 Cf. Chr. MÖLLER, Zwischen Amt und “Kompetenz”; Ortsbestimmung pastoraler Existenz heute, *Pastoraltheologie*, 82(12):466, 1993.

Christoph Schneider-Harpprecht  
Valburga Schmiedt Streck  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS